

O LUTO-CONVENÇÃO

Origem do luto — Auto-sugestão emocional — O pesar através dos povos e das idades — O povo e a mentira do luto — O horror às cores lutuosas — O medo da morte.



EVIVESCENCIA dos ritos necrolátricos e do culto propiciatório dos mortos, o luto é, nas sociedades modernas, uma usança ridícula e dispendiosa, inútil e feia. O luto é, porém, apanágio dos povos policiados. Os selvagens, que praticam o culto dos mortos, com complicados requintes litúrgicos, desconhecem a exteriorização do pesar, por meio de alterações do seu rudimentar vestuário. Ora o selvagem é o livro aberto, onde se pode estudar a evolução dos costumes do civilizado.

Quando o selvagem não pratica isto ou aquilo, o nosso antepassado primeiro, regra geral, não o praticava também.

Logo, o luto é criação da inteligência, não é grito do instinto. Poderia à primeira vista parecer que o luto — e referimo-nos à sua modalidade indumentária — era a exteriorização, a dinamização, o reflexo dum «estado de alma». O espírito compungido pelo desgosto profundo, como é o desaparecimento de um parente ou de um amigo, automaticamente imprimiria ao hábito um tom sombrio, grave e triste.

Não é, porém, assim. Neste caso do luto, o hábito é que faz o monge. Na impossibilidade de sentirmos uma dor intensa pelo desaparecimento de alguém, cuja morte, segundo as leis afectivas, deveria ser causa de profundo abalo moral, recorremos a elementos de auto-sugestão, para nos darmos as impressões que a nossa sensibilidade obliterada não pode ter normalmente. O luto é, portanto, um estimulante.

Não vamos desenvolver a teoria psicológica, que define a influencia do vestuário e dos adornos, no carácter e nas ideias. Basta acentuarmos que uma pessoa trajando luto rigoroso, despojada de adornos, adquire íntima e aparentemente uma gravidade, um compungimento, que outra vestida de cores garridas e carregada de enfeites, não pode necessariamente ter.

Assim, por via do luto, elemento de sugestão interior e exterior aparentamos — os que aparentam — e temos a ilusão de sentir — os que a têm — um desgosto absolutamente normal, feito segundo a arte, como as pilulas...

Explicada assim a necessidade do luto, fruto da inteligência, da hipocrisia, do convencionalismo, que não natural expansão do sentimento, examinemos, por alto, as diversas modalidades do luto, através das idades.

Assente já que o luto nasceu com a civilização, deixaremos de parte o culto propiciatório dos mortos, primitivo e humano, origem de todas as religiões ou pelo menos de todas as liturgias e procuremos a artificialização desse culto, pelo luto-sugestão, pelo luto-convencional.

Para imprimir fundamente a impressão do desgosto não sentido, o homem recorreu de início a mutilações de órgãos, às tatuagens e às fustigações, que são tatuagens a curto prazo. Depois, os costumes adoçaram-se e os hebreus limitavam-se já a rasgar o vestuário ente clamores, clamores que ainda hoje sobrevivem, sendo lamentável que não sobreviva para o sexo gentil, o dilacerar das vestes, o que seria grato aos olhos cubicosos dos que têm um culto especial pelas belezas hebreas.

No Egito, onde o culto dos mortos atingiu culminan-

cias nunca mais alcançadas, o luto propriamente limitava-se a raparem os enlutados as sobrancelhas. Esta prática que muitas elegantes hoje seguem, era, ao que parece, proprietária para a morte, sendo-o agora, com o rolar dos séculos — para o amor.

E porque não nos interessam os sacrifícios, as oferendas de vidas, imoladas para acalmar os mortos, não falaremos das piras, onde se consumiam as esposas dos defuntos, na Índia, nem do sabre que se introduzia no ventre em sinal de sentimento, segundo o velho ritual do *Kara-hari* nipónico.

Vamos encontrar na Grécia, berço conhecido de tudo quanto de belo e de mau ainda existe no mundo, o luto, na sua forma atual, o luto no vestuário, o luto negro. Para dar largas ao seu sentimento, esse sentimento que era todo encaminhado no sentido do prazer, os helenos talvez por um requinte de elegancia feminina, substituíam por vestes negras, as suas tunicas e os seus mantos de estofos doces e cores claras, no dia dos funerais dos seus parentes e amigos.

Já os romanos, mais viris, consideravam o luto só uma pratica feminina e dispensavam-se de mudar de vestuário em sinal de pesar. As matronas, e essas durante um ano, pelo menos, apoz o falecimento de qualquer pessoa querida, eram obrigadas a andar sem joias e se lhes morria um filho tinham que se vestir de azul. Nem mesmo por ocasião dos grandes lutos públicos, como foi o ordenado quando da morte de Augusto, os cidadãos romanos mudaram de traje.

A Idade-Média foi pouco propícia a lutos. Os barbaros rudes e ingenuos, embora propiciando nos seus ritos os mortos, ignoravam a hipocrisia auto-sugestão do luto e difícil lhes foi, nesse ponto, assimilar as práticas dos povos vencidos.

As armaduras dos guerreiros medievais prestavam-se pouco a mudar de cor, consoante os sentimentos que os seus portadores tinham de aparentar. Os vestidos das damas eram tais que se fazia um para toda a vida e daí a impossibilidade de os substituir frequentemente. Na França, por exemplo, e a França era então quasi todo o mundo civilizado, desconheceu-se até ao século XIV o que fosse o luto. Na Península, porém, radicou-se cedo o uso de se vestirem de branco os servos e depois as donas, quando alguém da família dos senhores morria.

Os panos brancos de dó, transformados em peças do vestuário, eram talvez a assimilação da ultima memoria do morto, uma como que integração no seu destino, a ânsia — aparente — de o acompanhar no além.

Com o branco do dó mediaval começou a sarabanda das cores representativas do luto, que ainda hoje são tão diversas, consoante o são as religiões, as raças e os climas.

Ai pelo Renascimento, com o desencantar da arte e das tradições helenicas e romanicas ressurgiram alguns costumes da idade antiga, tendo-se intensificado então o uso do luto, em certas classes. Os eclesiasticos, ainda hoje são dele dispensados, assim como o eram os reis, e dignidades havia nas cortes a quem era proibido usar luto fosse por quem fosse. Foi só no século XVII, que os reis e os cardiaes começaram a substituir a purpura pelas vestes de cor violeta, em sinal de luto.

O preto, porém, subsistiu nas civilizações do ocidente, entre os povos da chamada cristandade, para traduzir o pesar pelos mortos. No oriente, nos paizes de religião maometana, as cores lutuosas preferidas são o violeta e o azul, cor esta que também é adoptada no Japão e em certas provincias do oriente da China. Só a misteriosa Abissinia, encravada entre o ocidente o oriente, com civilização distinta, com uma religião que é um misto das dominantes nos dois mundos, usa para traduzir o seu uito uma cor indecisa, vaga — o cinzento.

Renovação

Não nos recordamos se Nordau incluiu o luto entre as «mentiras convencionais da civilização.» Talvez não; ela é tam evidente, que denecessario seria catalogá-la. Todos a reconhecem, mas quasi todos se obstinam em occultar êsse conhecimento. Até alguns dos chamados «espíritos fortes», dêsses livre-pensadores que se entretêm a laicizar todos os ritos, transformando nas cerimónias chamadas civicas as velhas liturgias.

A sciência positiva e experimental está vibrando a ultima machadada no culto dos mortos. Ele persiste, porém ainda e, coisa estranha, onde tem maior cunho de sinceridade é entre o povo, que não carece de criar sugestões para aparentar sentimentos. Nas classes dominantes, comprehende-se a necessidade de fomentar todos os preconceitos. Entre o povo não se explica. E' contúdo o povo, que, há sessenta anos, — quando a Princeza Rattazzi visitou Portugal — não se descobria á passagem dum cadáver, como ela o notou no seu livro «Portugal à vol d'oiseau» — ou a «vão de passara» como pretendia Camilo — é êsse mesmo povo que hoje, perante os ignobeis carroções que são os coches funerários, se desbarreta reverente, numa usança importada, macaqueada, ridicula. Essa cortesia para com a carne podre teria sido invenção do sr. Bernardino Machado, que tudo e todos corteja e sauda? E' possível, o que é certo é ser indigno. Quantas vezes o sordido monturo que vai aos solavancos, para a cidadela torpissima da morte, que é o cemiterio, não abrigou em vida a personalidades dum agiota ou dum frascário, dum politico ou dum assassino legal!

Voltemos, porém, ao luto, á mistificação do luto, á burla do luto.

Ninguém o toma a sério, ninguém o suporta mesmo. Algumas mulheres garridas gostam a principio do preto, que lhes realça o tom da epiderme e lhes empresta um ar de misterio seductor. Por fim a monotonia enerva-as, a obrigação de andarem durante menses, durante anos até, sempre vestidas da mesma côr, irrita-as. O segredo dos casamentos de muitas viuvinhas de fresca data está na imperiosa necessidade de mudarem de traço. Elas e a moda bem procuram disfarçar o absurdo do luto, encurtando os véus, dando transparencia aos crepes, erguendo até ao joelho a barra do vestido, pondo uma orla branca no chapeu. Tudo é debalde, porém; o preto alastra, invade-as todas, suja-as. A ponto que... ainda ha bem ponco na Itália, a viuva dum rico siciliano, senhora de 28 anos, a quem êle legára a enorme fortuna, com a condição de ela guardar o luto durante dois anos, renunciou á riqueza, sujeitou-se a todas as maledicências, ante a terrivel perspectiva de andar vestida de negro durante 24 mezes!

*
* *
*

Graças ao bom senso de muitos e á eficaz propaganda de alguns, o luto-convenção tendo a acabar. Muitos espiritos esclarecidas pedem aos que lhes são caros que não submetam a sua memória a êsse ridiculo. Recordamo-nos agora de duas pessoas, a Dr.^a Beatriz Angelo e o General Dantas Baracho, que procederam assim.

O luto não significa nada. Pintar a côres os sentimentos intimos é uma forma de fazer simbolismo, que só deve agradar aos exhibicionistas. Quando a dôr realmente existe não precisa de panos pretos para se reflectir.

Acabemos de vez com essa, hoje absurda, revivescencia do culto dos mortos. Em boa verdade a morte não existe, é um simples estado de transição, como o somno. Para que ligar-lhe importancia? Para que propiciá-la com práticas risiveis dum ritual sedição? Para que nos deixe gozando tranquilamente a vida. Que infantilidade! Ela virá um dia, talvez amanhã, talvez agora mesmo. Que importa! Morrer é renascer. Não para o céu nem para Deus, mas para a vida, para a vida eterna, para a eterna renovação dos seres e das coisas.

O respeito pelos mortos? — simples mêdo de morrer tambem!

O luto?! Deixemo-lo para as viuvinhas galantes, que o usam como uma taboleta: — «aluga-se» ou «em liquidacão.»